Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Órfão

Cássia Siqueira



PPGAV/EBA/UFRJ
Rio de Janeiro, Brasil
ISSN: 2448-3338
DOI: 10.60001/ae.n48.18

a/e Arte & Ensaios
Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Cássia Siqueira: O irrecuperável do tempo, os órfãos e as ruínas

Cássia Siqueira: The irrecoverable of time, the orphans and the ruins

Leandra Lamber
leandra.lambert@gmail.com

Cássia Siqueira trabalhava com rigorosos excessos e expurgos, com delicadezas transformadas em cacos: devemos sentir na pele. O que ela criou, independentemente de possuir palavras inteligíveis ou não, trata do irrecuperável do tempo, das repetições intrusivas, das cidades como espaços de assombro, da busca por intensidades e êxtases, das ruínas que já habitam tudo o que ainda é novo. Grita o que a memória (e a sua fuga para limbos dolorosos) trai, expele e furta dos dias por vir. Os véus de distorção encobrem o que é dito, quem escuta? Berra os traumas que se retroalimentam. *Feedbacks* e *loops*: a fita que gira cada vez mais rápido, atrito em aceleração; arrebenta. O ruído aqui é o do acúmulo de sons deteriorados e o do que já ruiu ao nascer. O caos ao redor e as asperezas da vida ao tecer as texturas, os escombros são esculturas sonoras.

Cássia começou a fazer música em um PC precário aos 13 anos. Já tocava violão e violino, instrumentos que, junto com a guitarra e a voz, eventualmente se juntavam aos *loops*, às fitas cassete e aos instrumentos virtuais. No seu Bandcamp, Nome Morto, encontram-se dez trabalhos, entre álbuns e EPs, de 2014 a 2023. Seu álbum mais ouvido é de 2016, *Presença*, que contou com a participação de Cadu Tenório e foi originalmente lançado com o nome morto de Cássia. Até o álbum seguinte, *Expurgo*, ainda há alguns títulos e momentos mais líricos ou bem-humorados, como “Os cheiros das épocas e os lençóis que me cobriam eu chamava de atmosfera” ou “Vou gravar um cover do Codeine”. A partir daí, tudo começou a se adensar, todos os tons foram tendendo ao *pitch black*. A morte como um duplo que segue a vida de perto se apresentou com contornos mais definidos.

Esses dois álbuns também se encontram no Bandcamp da Seminal Records, assim como *RJ2019NIGREDO* e *Órfãos*, o único álbum do projeto Ruínas. Ambos

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

são de 2020, em diferentes momentos da pandemia. *RJ2019NIGREDO* foi gravado no primeiro fim de semana desse período, sozinha, no extinto Fosso, no Rio de Janeiro; e *Órfãos*, poucos meses depois, quando estávamos morando juntas em uma casa em Visconde de Mauá. Os espaços urbanos degradados da conexão Rio-Niterói, onde estudou e trabalhou, e de Volta Redonda, onde viveu dos 10 aos 17 anos e frequentou até o fim da vida, marcam fortemente suas composições. Visconde de Mauá e as duas casas em que morou, voltadas para montanhas e florestas, eram o exílio da pólis, espaços que pareciam fora do tempo. Não há cidade a ser vista, dita e decodificada; a exuberância do verde e da vida não humana não basta, não ressoa como linguagem: Cássia olha ainda mais para dentro. Mergulha.

É uma estranha tarefa escolher uma única música, um único álbum; escolho, então, o que me é mais próximo e conhecido. Escolho o que também considero ser uma encruzilhada decisiva no trabalho da Cássia, o álbum *Órfãos* e a música mais emblemática, "Órfão". Cássia sempre quis gravar um álbum com influências de DSBM, e esse pode ser considerado um pós-DSBM. Talvez seja seu trabalho mais sombrio e melancólico, mas, paradoxalmente, talvez também tenha sido o que a deixou mais feliz ao gravar e ouvir pronto. As letras dizem a sua dor com clareza. Cássia precisava que algo nela mesma morresse, fosse exorcizado e completamente extirpado, e que uma outra parte de si fosse libertada. Isso se tornou nítido e urgente a partir de *Órfãos*. Foi seu último álbum antes de transicionar, uma decisão fundamental em sua busca por uma radical transformação de si mesma.

"Órfão"

coleta dos restos que sobraram da multidão
alimentando a fogueira do último respiro

não há mais alívio
é preciso deixar morrer
sem saída
no escuro
das ruas vazias

eu tento

(Faixa: https://seminalrecords.bandcamp.com/track/rf-o
Mais do que ela escrevia em: https://texturaberta.wordpress.com/)

.

a e Arte & Ensaios
Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Sobre Cássia Siqueira

About Cassia Siqueira

J-P Caron
jpccaron@gmail.com

Você foi,
Como se diz,
Para o outro mundo
(Maiakovski, *A Serguei Iessiênin*)

É difícil articular a pergunta que quero fazer nestas circunstâncias. Estaríamos inclinados a fazer, como se costuma fazer nessas horas, a pergunta "Quem foi Cássia Siqueira?". Em parte, é o que quero perguntar. Mas, mais do que isso, essa pergunta é *parte do que quero perguntar*.

***

Lendo os textos da Cássia notamos, como é de praxe, a luta, texto após texto, obra após obra, com as questões que a acometem. Mas algo importante há de ser notado: entre os textos para publicações acadêmicas e os textos produzidos para seu *blog*, a pessoa Cássia Siqueira se interpõe de forma radical nos últimos, que adquirem não apenas importância capital como canteiro de obras de seu pensamento, mas como lugar de expressão dos porquês *pessoais* de suas lutas conceituais. É assim que lemos em "Por que ser feminista radical?", um depoimento tocante

> Desde "Acquisition of language and the male sexual model", posso dizer que meu esforço teórico reflete um esforço pessoal e vice-versa: o de buscar ao mesmo tempo compreender a estrutura de processos de desaprendizado e o de desaprender comportamentos que por muito assombraram e sabotaram minhas possibilidades de autotransformação por meio da culpa e da vergonha. Não é de forma alguma paradoxal

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

> afirmar que, pessoalmente, o início de meus estudos em feminismo radical é o segundo marco determinante para a resolução e desmantelamento das condições para que culpa e vergonha existissem em primeiro lugar, sendo o primeiro o início de minha transição.[1]

Isso me permite colocar alguns elementos importantes para entender Cássia: suas escolhas respondem, a um tempo, a uma necessidade vital e um questionamento conceitual que se colocam em todos os textos que ela produziu com extrema insistência: o problema da constituição *transcendental* das formas de vida, e a possibilidade de sua transformação. Questão que nos propõe uma espécie de unidade entre obra e vida, tornada especialmente aguda pela brevidade da última e consequente concisão da primeira.

***

Considerando o contexto pessoal desta fala, e dos eventos que a precipitam, poderíamos nos arvorar pela pergunta pelas razões ou causas de nossa perda – razões que tenham a ver com a pessoa Cássia que creio ter conhecido tão bem quanto possível, com exceção de uma ou duas outras pessoas. A dificuldade não é que isso *não nos interesse*, mas sim que isso *nos interessa*, uma vez que Cássia ultrapasse, ato contínuo, esse aglomerado de determinações contingentes que a fizeram ser o que é. Queremos o que torna Cássia, a despeito de sua contingência, *retroativamente necessária para nós*.

***

Em nossa última conversa em um bar em Copacabana e refletindo sobre sua trajetória, eu disse a ela: “Estranho que você tenha escolhido três autores muito diferentes para as três fases do seu trabalho acadêmico até aqui: Wittgenstein no TCC, Reza Negarestani no mestrado, e Otto Weininger e seu legado para o pensamento feminista no doutorado.” Ao que ela respondeu: “Os três tratam do mesmo tema: ética e lógica são uma só.”

---

[1] https://texturaberta.wordpress.com/2023/04/19/por-que-ser-feminista-radical-1-0-1-falso-negativo-falso-positivo/

***

Citando a própria:

> Diferenciar entre normativo e normal é distinguir um campo de possibilidades re-articuláveis, de acordo com a maneira com que seguimos as normas que seguimos, e uma estrutura engessada que sabota tentativas de rearticulação. Investigar os modos pelos quais regras são formadas, reforçadas e reproduzidas é o primeiro passo para destituir o *status quo* de seu privilégio de hegemonia.[2]

Heidegger em *O conceito de tempo*[3] paulatinamente transforma a pergunta "O que é o tempo?" na pergunta "Quem é o tempo?". Posto que isto – o tempo – se mostra coextensivo ao projeto que nós somos, estendido entre a memória e o ser-para-a-morte, o tempo *somos nós mesmos*. Quero fazer a passagem oposta. Da pergunta "Quem foi Cássia Siqueira?" quero passar à pergunta "O que *é* Cássia Siqueira?". A pergunta não é uma objetificação. Eu diria que ela é exatamente o contrário. Invertendo a coextensividade do tempo ao *Dasein* e tornando o *Dasein* uma fatia de um tempo que o ultrapassa, sendo não coextensivo a si, a questão articula o que é Cássia *no tempo*, num tempo que não é o seu próprio, à altura de sua curta vida.

***

Que Cássia se torne para nós um evento e uma missão me parece uma evidência. Só lamento que ela não tenha sentido em si mesma e no seu próprio corpo a evidência que ela é, e que, de forma paradoxal, deixaria o tempo que é agora nosso, ainda em posse de sua vida a ser desdobrada.

---

[2] https://texturaberta.wordpress.com/2023/03/30/acabar-com-a-normalidade-de-uma-vez-por-todas/
[3] Heidegger, Martin. *O conceito de tempo*. Lisboa: Fim de Século edições, 2008.

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Cássia Siqueira *foi artista, musicista e filósofa, com mestrado em filosofia pela UFRJ, onde estava cursando o doutorado, orientada por J-P Caron. Ex-professora substituta de filosofia na UFF. Pesquisadora da instituição internacional e transdisciplinar The New Centre for Research and Practice no programa Critical Philosophy. Sua pesquisa transitou pela filosofia analítica da linguagem, filosofia da mente e feminismo radical transinclusivo, tendo publicações internacionais em livros e periódicos. Foi uma das palestrantes do I Seminário de Teoria Queer realizado na UERJ, em 2023. Teve um projeto de música experimental chamado "Nome Morto" com seis álbuns e cinco EPs, tendo performado em festivais como SomaRumor (2019) e Novas Frequências (2020), quando apresentou uma composição/videoarte disponível no* site *do festival. Atuou em outros projetos musicais, como petitemort e Ruínas, junto a Leandra Lambert.*

Leandra Lambert *é escritora, pesquisadora, artista e musicista. Doutora em artes (Uerj/Paris 1). Apresentou trabalhos teóricos, artísticos e musicais em vários países e publicou artigos em periódicos como* Art Research Journal *(Brasil),* Filigrane *(França) e* Interference *(Irlanda). Vem desenvolvendo textos de teoria-ficção na instituição The New Centre for Research and Practice.*

J-P Caron *é músico e filósofo, atuando como professor de filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro e como instrutor do New Centre for Research and Practice, além de ser membro do selo musical Seminal Records.*

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Devoção

Carla Boregas

Gravado na Morphine Raum, Berlim, masterizado por Emygdio Costa, 2024



som, físico
som, espiritual
som, coletivo
som, individual
som, comunhão
som, contemplação
som, profissão
som, paixão
som, música
som, arte
som, sagrado
som, profano
som, êxtase
som, imagem
som, novo
som, velho
som, dedicação
som, caos
som, grafia do invisível
som, entre
som, antes
som, depois
som, espaço liminar
som, perspectiva
som, barreira
som, zona autônoma temporária
som, atenção
som, distração
som, transe
som, encantamento

...

devoção

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Carla Boregas *(São Paulo, 1984) é musicista e artista sonora autodidata. Amalgamando o orgânico e o sintetizado, constrói cenários sônicos em que a sensação de presença está entre a densidade e a delicadeza. Seu trabalho inclui composição e improvisação, performance, instalação sonora e radioarte, e tem o propósito de transportar os ouvintes para diferentes perspectivas subjetivas de tempo e espaço, invocar o invisível e pensar a relação homem/natureza. carlaboregas@gmail.com*

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

DEDO/Tunga

DEDO

1 Delivered in Voices
iron, meteor, crystal,
sansevieria trifasciata,
land, terracota, glass,
mirror, magnifying lens,
microphones, sound system
The work, Delivered in
Voices, is made with
several elements, open to
the performative
interaction.
Three iron structures,
called tripod, permeats
a fourth one. For each one
of this three structures,
there is a different
artifact as protagonist.
A meteor, a quartz and a
Sansevieria trifasciata.
For each tripod, there are
speakers facing toward the
different protagonists.
For the Sansevieria
Trifasciata, It is heard
a session of exorcism.
For the meteor, Dylan
Thomas declaims his poems.
For the quartz, the wolves
howling audio.
Finally, the central
tripod, that is made with
a ceramic bell. Inside the
bell there are three
microphones, each one of
them sends the voice of
the performer to the
tripods at the same time.

2 Tracks:
1-Delivered in Voices 03:59
2-Delivered in Voices 07:10
3-Delivered in Voices 05:27
4-K7 pra Bassamp 04:16
5-Dylan Thomas +4 01:45
Recorded at Laboratório Agnut, Dec 2015 during Festival Novas Frequências.
Mastered by Renato Godoy.
DEDO: Arthur Lacerda, Rafael Meliga, Lucas Pires.

Notes for DEDO/Tunga
1-Gravar Delivered in Voices
2-Playback Cut-Up Ceramic Bell
3-DEDO + Gravações de Delivered in Voices QTV 039/2019

1 A few artists were
invited to interact
with the work.

The list is diverse: Luísa Nobrega & Barrão,
Ava Rocha & Eduardo Manso, Dissonâmbulos,
N-1, Lilian Zaremba & Fred Paredes,
Meteoro, Thingamajicks & Sávio de Queiroz
& Marcelo Mudou, DEDO, Felicia Atkinson.
-



Photo: Gabi Carrera/Coletivo CLAP

2 Rage, rage against that
Good Night +4

Do not go gentle into sang
the sun in flight,
Old age should burn and
grieved it on its way,
Rage, Rage against that
good night

Though wise men at who see
with blinding sight
Because their words like
meteors and be gay,
Do not go gentle into the
dying of the light

Good men, the last on the
sad height,
Their frail deeds might
your fierce tears, I pray.
Rage, rage against that
good night.
Dying of the light.

Wild men who caught and
that good night,
And learn, too late thay
rave at close of day;
Do not go gentle into the
dying of the light.

Grave men, near death,
their end know dark is
right,
Blind eyes could blaze had
forked no lightning they
Rage, rage against that
good night

And you, my father, there
wave by, crying how bright
Curse, bless, me now with
have danced in a green
bay, Do not go gentle into
the dying of the light.
Rage, rage against the
-

1 Taken from
www.tungaoficial.com.br
2 Our thing

Anotações para *DEDO/Tunga*

1-Gravar Delivered in Voices
2-Playback Cut-Up Ceramic Bell
3-Dedo + Gravações de Delivered in Voice

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

DEDO/Tunga: Mal comissionado pelo festival novas frequências para tocar no ateliê do artista visual Tunga, o DEDO resolveu apresentar uma proposta que consistia na gravação de uma obra sonora, a execução do *cut-up* de um poema disponibilizado pelo artista, para depois tocar o que foi gravado junto com uma obra de sua autoria. Essas anotações estão na capa do disco, lançado pelo QTV selo em 2019. O disco é o material coletado na primeira parte por Lucas Pires. Também contém o *cut-up* que foi tocado e parte de uma gravação em cassete que foi usada em um amplificador de baixo.

O **DEDO** *começa em 2010 quando trabalhadores de um mesmo departamento de programação visual – Arthur Lacerda, Lucas Pires e Rafael Meliga – resolveram explorar possibilidades de autopublicação: esse é o início do DEDO. Em 2012, começam a desenvolver trabalhos relacionando imagens, som, objetos e escuro, coincidindo com as primeiras apresentações em público, que aconteceram na Comuna, no Plano B e no Festival Antimatéria. Em 2024 Luan Correia (Mbé) ocupou o lugar deixado por Arthur Lacerda. lcuaspries@gmail.com*

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Primeiro ruído

Mbé



Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Mbé *é a persona de Luan Correia, artista, pesquisador, produtor e engenheiro de som do Rio de Janeiro, Brasil. Em* ROCINHA, *seu primeiro álbum, Mbé constrói paisagens cinematográficas com fragmentos sonoros do continente africano e de sua diáspora. O álbum foi lançado pela QTV Label em março de 2021, e desde o então Mbé vem se apresentando em festivais brasileiros como Mulambo Jazzagrário e na Bienal de Arte de São Paulo e também em festivais internacionais como Holland Festival (NE) e Noites de Verão (PT). Em 2023 foi contemplado com o Prémio Prince Claus Seed, que reconhece 100 artistas emergentes de mais de 60 países, cada um dos quais abordando questões presentes em suas comunidades locais. Também em 2023 lançou o álbum* Mimosa *– ao lado de Luiz Felipe Lucas, também conhecido como cabezadenego, e Leyblack –, álbum manifesto sobre o poder dos ritmos afro-brasileiros, criado durante residência no Etopia Centro de Arte e Tecnologia em Zaragoza/Espanha. Em parceria com o músico Beto Villares, criou as trilhas sonoras originais do espetáculo de dança "Muyrakytã" para o Balé da Cidade de São Paulo, e da série* Cidade de Deus *(a ser lançada). Produziu a trilha sonora do curta-metragem* Solmatalua*, dirigido por Rodrigo Ribeiro-Andrade e selecionado para festivais como Festival do Rio e IDFA, na Holanda. Criou a instalação* Poesia de Criolo*, composição espacial e audiovisual apresentada nos Festivais Novas Frequências (2021), Mac.Bit (2022) e na exposição Memórias Habitadas no Sesc (2024). lluanccorreia@gmail.com*

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Tantão e Zbigniew Karkowski ao vivo no Plano B

Tantão



Gravado por Fernando Torres, no Plano B, Rio de Janeiro
Editado e Masterizado por Abel Duarte
Fotografia por Rafael Meliga

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

A gravação, registro inédito de um *show* do Tantão feito no Plano B com o músico polonês Zbigniew Karkowski, foi apresentada da seguinte maneira por Fernando Torres, que nos cedeu o registro: "gravação do Tantão com o Zbigniew Karkowski, um cara que tem (tinha na verdade, morreu faz algum tempo) um puta conceito mundialmente em música contemporânea *E noise*, um terrorista antiacadêmico que estudou com alguns dos maiores picões europeus do século 20. Uma vez ele estava na loja, e mostrei uma gravação de um *show* de um amigo em comum (não lembro quem) que o Tantão tinha invadido. Ele fez questão de fazer um *show* com o Tantão, com a única condição de que o Tantão teria que estar muito doido. Claro que a bicha ficou com medo e se apresentou careta, mas o Karkowski estava tão doido, que nem notou".

Carlos Antônio Mattos (Tantão) *é artista plástico e músico nascido em Niterói. Em 1983, junto com Márcio Bandeira e Lui, criou a banda de pós-punk Black Future. Tocando teclados e bateria eletrônica, lançou com o Black Future o disco* Eu sou o Rio*. que em suas faixas, mistura* punk-rock*, samba e música eletrônica. Desde então, esteve em inúmeros projetos musicais como John Merrick Experience, Demillus Duloren, FUCK e The Bosch, além de participações em* shows *do Chelpa Ferro, Dedo e Test Bigband e feats com Planet Hemp, Sáskia, Teto Preto. Como compositor, teve sua canção "Oi Cat" gravada por Juçara Marçal em 2021 no álbum* Delta Estácio Blues.

Sua música e sua poesia se misturam com as performances e seu trabalho de artes plásticas. Em 2015 realizou a exposição individual Autocad na Galeria Arthur Fidalgo. Participou de duas residências em Amsterdã – em 2010 e 2011 na Flatstation, além de residências como Ceia (BH) e Casa Nuvem (RJ). Suas telas coloridas são a mistura de sua personalidade incrivelmente caótica com as linhas organizadas de seus conhecimentos de desenho naval.

Em 2017 lançou Espectro*, primeiro disco do projeto Tantão e Os Fita, trio de música eletrônica do Rio de Janeiro formado em parceria com os produtores Abel Duarte e Cainã Bomilcar. Outros álbuns do trio são* Drama *(2019) e* Piorou *(2020), todos lançados pelo QTV Selo. O trio, que se conheceu no Plano B, realizou* shows *em festivais como RedBull Music Festival (SP), Eletronika (BH), KinoBeat (POA), Antimatéria (RJ), Novas Frequências (RJ), MIMPI (RJ), na Mamba Negra (SP) e em casas de* show *como Audio Rebel e Circo Voador, além de participar da peça* Selvageria*, do diretor Felipe Hirsch e Cia. Ultralíricos (SP).*

Em 2017 foi lançado o documentário dirigido por Gabraz Sanna e Anne Santos Eu sou o Rio*, que acompanha sua vida e suas memórias; e, em 2022,* Diários de uma paisagem*, dos mesmos diretores. Em 2023, o diretor Paulo Severo lança* Black Future – Eu sou o Rio*, contando a história do grupo carioca.*

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

PROXIKIMEN

Letricia



Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

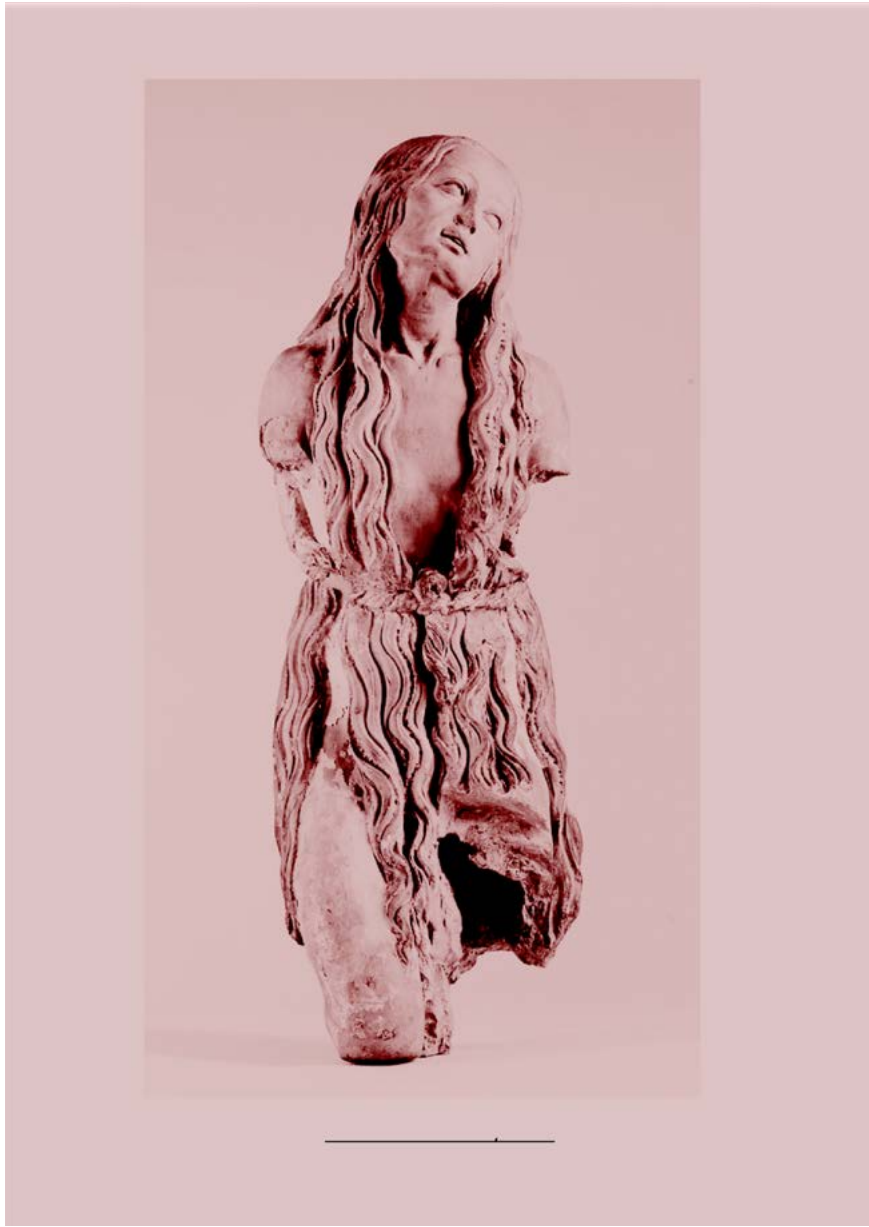
Arrastada Brasil abaixo. Pisar novamente meu território me acendeu memórias há tanto tempo apagadas por dentro. Silenciadas, só esperando uma centelha de fogo para que brilhassem novamente, iluminando a caminhada de quem busca. Nossa ancestralidade só morre quando esquecemos de louvá-la. Refletido no olhar de quem veio antes, vejo a força do Sertão, vejo a sorte do acaso que me trouxe até aqui – misteriosos processos históricos. No silêncio ainda habita tudo o que jamais foi dito. É ali que ressoa o eletromagnetismo da memória, que me faz mover kaa' puêras no centro da roda da vida que gira, memórias daquelas impossíveis de esquecer, pois estão codificadas em minha carne e irradiam de dentro para fora, para o campo da produção de realidade. É isso que eles não querem que eu acesse – mas resisto. É maior que eu, mas cabe a mim, sentir, decifrar, conectar os fragmentos do mistério que se apresenta para que eu construa um futuro de propósitos ancestrais – sempre desobedecendo às ordens vigentes e rasgando os véus do esquecimento. Eu sou continuidade.

Letricia *é multiartista e produtora musical de Salvador. Cria ambientes sonoros enérgicos e subversivos utilizando apenas* samplers *e pedais de efeito, com referências do* breakbeat *e* jungle*. Seu* live set *explora atmosferas sensoriais, agressivas e densas, com momentos intensos de suspense.*
777letricia@gmail.com

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Quando estátuas falam

Sanannda Acácia aka Quasicrystal



Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

O vibrar do som e a quietude de mármore – há um terreno onde música e estátuas se encontram, dançam e desvanecem. A música, inquieta, escorre pelas frestas do tempo, enquanto a estátua repousa no silêncio, imóvel como se detivesse cada segundo em suas veias de pedra.

Mas há música na estátua, oculta na curva da mão esculpida, no olhar fixo que evoca histórias não ditas. Ela guarda, como quem se recusa a ceder à fugacidade, uma melodia interna, que só o silêncio pode tocar. E a música, por sua vez, veste-se de estatuária insuspeita: no instante em que uma nota ressoa, já guarda em si sua própria ruína, aninhada na iminência de seu desaparecimento.

É no entrelaçar desses extremos que o paradoxo se revela. O movimento constante da música torna-se uma dança de fragmentos eternos, e o repouso sólido da estátua ressoa como uma melodia congelada. Música e estátua se contemplam, e há um espelho onde um se dissolve no outro, como a água que reflete a pedra ao mesmo tempo que a abraça.

Uma estátua de sons, e a estátua, uma sinfonia de silêncios – ambas se movendo em direções distintas, mas presas na mesma eternidade que, por instantes ínfimos, é completa e paradoxalmente viva.

Sanannda Acácia aka Quasicrystal *é uma artista brasileira cuja obra envolve sonoridades sombrias – marcadas por camadas densas e ambientes acústicos que destacam sombras ruidosas desafiadoras de melodias, entre sons sintéticos e orgânicos e o limite da estereofonia tradicional.*
sanannda@gmail.com

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Tokyo shitamachi: Tatekawa

Paulo Dantas

Simples montagem utilizando gravações subaquáticas em estéreo feitas no Tatekawa, um dos rios que desaguam no Rio Sumida, na cidade baixa de Tóquio. Originalmente produzida para um vídeo de Mieko Matsumoto, exibido na exposição coletiva Breathing Particles, na galeria Tokas Hongo, em Tóquio, de julho a agosto de 2024.

Acima do rio, há um trecho da Shuto Expressway, via expressa suspensa construída aí por "praticidade", dando mais velocidade às funções originais de transporte de bens e pessoas. Do interior do Tatekawa, ouve-se a intensa atividade da via expressa, bem como obras de manutenção. Em dias mais tranquilos e com o auxílio de filtros, é possível escutar algumas das diversas espécies que se adaptaram às mudanças e continuam a viver ali.

De alguma forma, essas gravações capturam tempos e velocidades diferentes, sobrepostas no "agora" urbano: a fundação dos rios, agora canalizados, e suas sombras modernas – as vias expressas suspensas, construídas na década de 1960, imortalizadas por Tarkovsky e Oshii. Finalmente, ouvem-se fragmentos da primeira frase da canção em estilo ocidental *Hana*, de Rentaro Taki, um exemplo do impacto da internacionalização do Japão no fim do século 19.

Paulo Dantas *atua como compositor, artista sonoro, professor e técnico de som. Em sua produção artística recente promove e explora encontros entre localidade/espaço, tecnologia e escuta.*
paulorsdantas@gmail.com

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Em extinção

Rayra Pereira da Costa

O processo de criação da faixa Em extinção envolve a exploração sonora por meio de circuitos eletrônicos e pedais de efeito, possibilitando a manipulação fluida de sons e sonoridades saturadas. A utilização desse tipo de textura remete tanto aos trabalhos de música eletroacústica quanto a minha experiência na cultura *punk* e *noise core* de São Paulo e do ABC Paulista nos anos 2000. Utilizando o *feedback* (*no-input*) como elemento central, busco criar texturas que geram sensações de intensidade, profundidade e abstração.

A intersecção do imaginário dos movimentos autonomistas com essas sonoridades me leva a construir narrativas que abordam embates sobre questões políticas e sociais contemporâneas. Embora a música seja, por natureza, abstrata, as escolhas sonoras e estruturais feitas durante o processo de composição têm implicações na maneira como a obra é interpretada – seja pela pura abstração do som ou pelo uso eventual de textos falados, que são gravados e distorcidos.

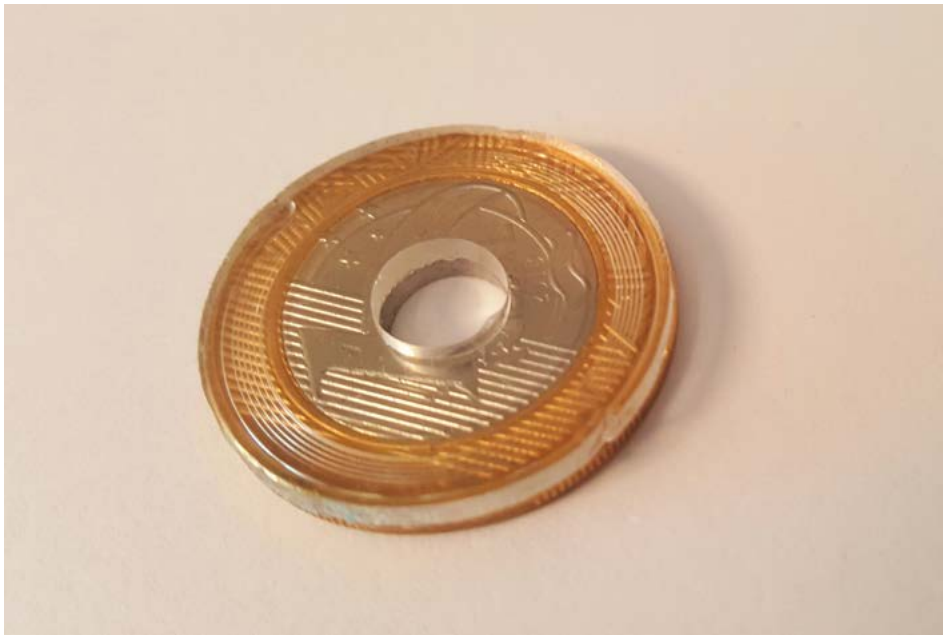
Em meu trabalho, essa conjunção de signos sonoros é objetivada como uma forma de crítica ao Estado, evocando sentimentos de ansiedade, alienação e distopia.

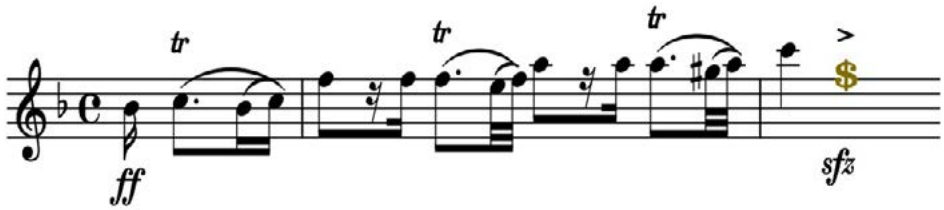
Rayra Pereira da Costa *é professora e artista, pesquisa circuitos eletrônicos e* no-input. *Atua nos projetos Em Extinção (solo), Canção de Matar, O Exílio e Cerne, com apresentações em diversos espaços culturais.*
rayra.pereiracosta@gmail.com

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

O grande acordo nacional

Yuri Bruscky





O Grande Acordo Nacional (2018) é um disco-objeto composto por um vinil de 01 polegada acoplado a uma moeda de R$ 1, com um remix dos primeiros compassos do hino nacional brasileiro, explorando a plasticidade do suporte fonográfico como elemento articulador da obra.

Yuri Bruscky *(Recife/PE, 1985) é artista e pesquisador, explora interseções entre ruído, linguagem, mediações tecnológicas e práticas cotidianas. Mantém, desde 2010, o selo/editora de música experimental Estranhas Ocupações. Cocriador dos festivais Rumor e Muído, bem como do programa de residências artísticas (Entre) Lugares Sonoros. yuribruscky@gmail.com*

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Silêncios 1a e 1b

Henrique Iwao

Em 2013, ao ouvir uma gravação da obra integral de Edgard Varèse, separei todos os momentos que considerei silenciosos. Transformei esses momentos em arquivos digitais – amostras de silêncio, que chamei de "Silêncios 1". A fim de exibir essa pequena coleção, justapus as amostras, ordenando-as segundo o ano de composição da peça relacionada (da mais antiga para a mais nova) e, dentro de amostras relacionadas à mesma composição, segundo a ordem de ocorrência temporal nessa composição (do início até o fim). Na época, preparei duas versões, "Silenci 1a" e "Silenci 1b", uma delas com todos os picos de amplitude normalizados a um valor máximo (acredito que de -0.1 dBFS). "Silêncios 1a e 1b" apresenta as duas versões em sequência, a versão sem tratamento de áudio seguida da versão normalizada. Essa iniciativa faz parte de meu projeto poético de realização de colagens musicais, cujos álbuns Coleções Digitais (Seminal Records, 2017) e Palavra Palavra (Estranhas Ocupações, 2022) são as realizações mais completas.

Henrique Iwao *trabalha com música experimental, composição, improvisação, arte sonora, performance, vídeo, além de filosofia da música e estética filosófica. Suas criações lidam com colagens e coleções, além da preocupação com a construção de desafios de performance e interpretação, bem como deslocamentos do olhar e do ouvir. Desde 2008 desenvolve seu próprio instrumentário – uma tábua amplificada, sob a qual usa vários objetos cotidianos, em combinação com eletrônica e brinquedos. Em 2012, pela USP, escreveu a dissertação* Colagem musical na música eletrônica experimental*, e em 2023, pela UFMG, a tese* Música como arte: significado musical e a ontologia da obra de arte de Arthur Danto*. Integrou o núcleo de música experimental Ibrasotope, em São Paulo, de 2007 a 2013, promovendo com ele as mostras Conexões Sonoras e os dois primeiros Festivais Ibrasotope (depois transformados no Fime). Integra a organização e selo musical Seminal Records desde sua fundação, em 2014, produzindo diversos eventos e lançando 101 álbuns de música experimental até o momento. Entre 2013 e 2016 foi educador na escola de arte e tecnologia Oi Kabum! BH. Ainda em Belo Horizonte, inicialmente com Matthias Koole, a partir de 2013 e depois com Patrícia Bizzotto e Marco Scarassatti, organiza as Quartas de Improviso (QI), evento de música improvisada com 182 edições, e junto a Felipe Lopes, o Praça 6, música de ruído em praça pública, com dez edições.*
Discografia: https://henriqueiwao.bandcamp.com/
henriqueiwao@gmail.com

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Gatilho / Trigger

G. Paim 

Considere um mesmo *sample* disparado simultaneamente em quatro velocidades diferentes. Cada uma das velocidades de leitura determina um tom, formando um acorde com notas de diferentes oitavas.

A reprodução do *sample*, modulada por um envelope, é posta em repetição infinita. Cada uma das diferentes velocidades executa um ciclo de duração única, gerando quatro diferentes regularidades rítmicas.

O ponto de início da leitura do *sample* é modulado por um oscilador disparado pela amplitude e pelo timbre de suas próprias reproduções, podendo reduzir ou aumentar sua duração ou reproduzir o *sample* em reverso, desregulando a organização rítmica das diferentes notas e eventualmente sua afinação, ao reproduzir o *sample* em pontos de início mais próximos no final do arquivo, de modo a gerar sons percebidos não mais como repetição rítmica e sim como frequências.

A faixa que você escuta foi gravada a partir deste mesmo sistema.

Gustavo Paim *é músico e artista sonoro. Sua produção consiste em explorar repetições e a consequente degradação do material sonoro como gesto.*
gustavohpaim@gmail.com

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

High Fi

Bella Comsom



Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

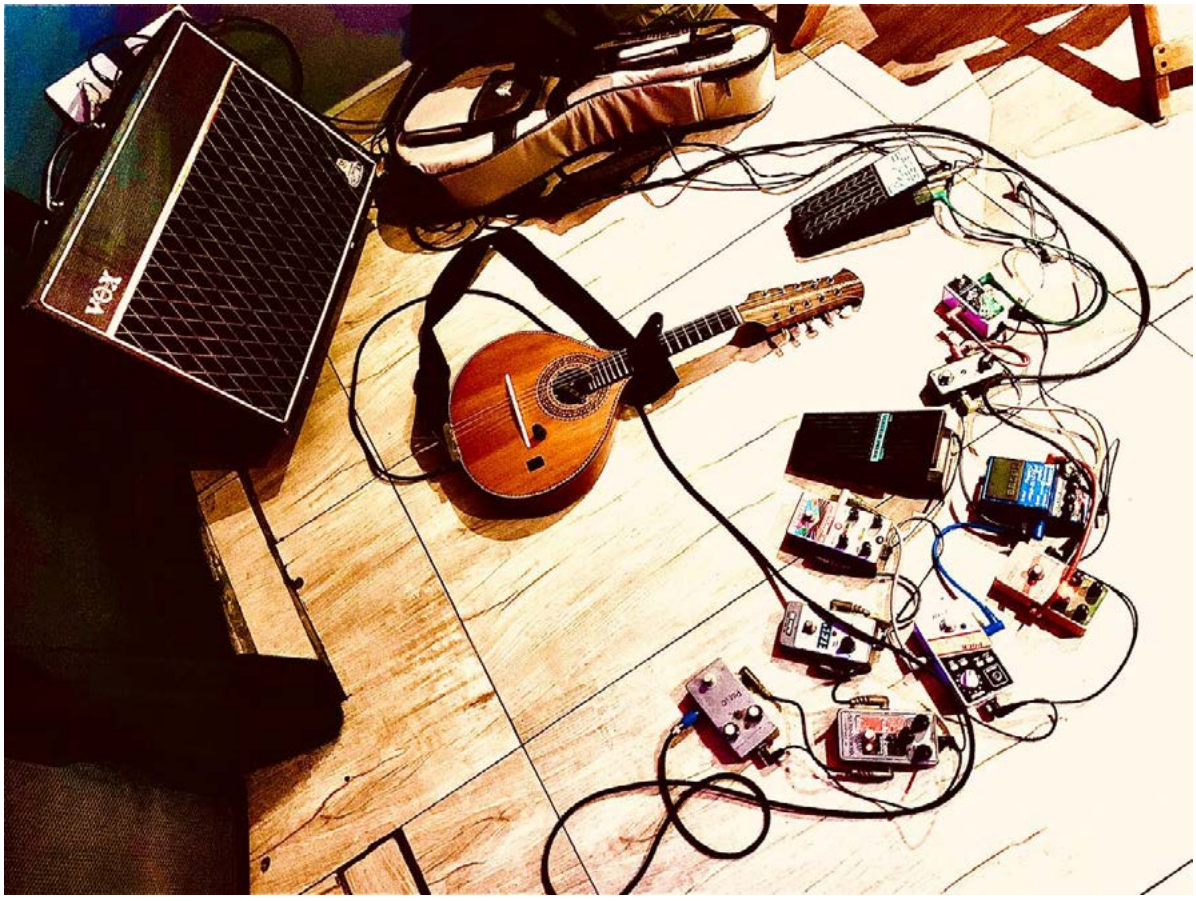
"High Fi" faz parte do álbum *Hadron* (2019). Nessa faixa, combino frequências eletromagnéticas de ondas de rádio com sons da floresta, criando um ambiente em que os sons se entrelaçam, e meu filho se torna parte integral dessa paisagem. O título "High Fi" faz alusão tanto à alta frequência dessas ondas quanto ao conceito de alta fidelidade sonora (*hi fi*), propondo uma reflexão crítica. Qual seria a mais alta fidelidade senão aquela permeada pela subjetividade? O que poderia ser mais fiel senão a natureza, em seu estado dinâmico e em constante transformação?

Bella Comsom *é artista transdisciplinar e pesquisadora do Rio de Janeiro. Seu trabalho inclui arte sonora, instalações, performances e radioarte, com foco na escuta de sons inaudíveis do campo eletromagnético, provocando discussões sobre o Antropoceno, justiça ambiental e a relação entre tecnologia, natureza e percepção. Tem mestrado em sonologia pela USP (2022). Sua obra foi exibida em festivais e instituições internacionais, como Haus der Kulturen der Welt (Berlim) e Museu do Amanhã (Rio de Janeiro). bellacomsom@gmail.com*

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Markito Campello Fake Flangro Trio ao vivo na Garagem Beleza

Marcos Campello



Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Markito Campello Fake Flangro Trio ao vivo na Garagem Beleza é o registro da apresentação de música improvisada livremente ocorrida no Garagem Beleza em 24 de setembro de 2024, uma terça-feira (graças à generosidade dos queridos stan e giraknob). Flangro faz referência ao disco quase homônimo *Flangro ou Bola de Condições*, lançado em fevereiro de 2022 pelo selo Brava, no qual se originou o trio de bandolim e máquinas (de ritmo, *samplers* e sintetizadores) para criar suas composições; Fake (duplamente) pelo fato de não executar nenhuma das músicas do disco supracitado e por não ser um trio; Trio pela pretensão de soar como três músicos, apesar de estar só.

Nessa gravação, toco bandolim modificado e piloto coisas. Uso o mesmo sistema que gerou o disco *Flangro ou Bola de Condições* com alguns aperfeiçoamentos, que consistem no seguinte: bandolim de dez cordas com cinco cordas de guitarra (excluindo-se a mais aguda, mi) modificado com a introdução de um captador de guitarra no orifício central do instrumento e de um potenciômetro de volume próximo à ponte; do bandolim, o sinal segue passando por pedais de efeito variados; ao final da cadeia de pedais, o sinal é dividido em dois, um segue para o amplificador de guitarra e o outro para alimentar as máquinas; são três máquinas conectadas à mesa de som: dois *samplers* e um sintetizador modular, conectados entre si em série de modo a repassar os comandos recebidos da guitarra. A poética do que aconteceu decorre da leitura da improvisação livre, concomitantemente algo pontual e irrepetível, suscetível a infinitas variáveis e inexoravelmente parte de uma filogenia da criação. E, por outro lado, oracular e mágica.

@markito_campello *compõe e toca guitarra/bandolim* freestyle. *Além do quarteto onda de beleza natural, toca/tocou/tocará com mei flawer, chinese cookie poets, ava rocha, negro leo, okkyung lee, paal nilssen-love, bruno cosentino, steve dalachinsky, fernando temporão, lukash, gustavo campos, steve colpitts, cadu tenório, sam weinberg, luis conde, tantão, tetuzi akiyama, leonel kaplan, marco scarassati, jean-pierre caron, flávia Goa, nos mais diversos países. campello.marcos@gmail.com*

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Ao meio do caminho

Thelmo Cristovam



Sou pernambucano. Em 1975, nasci em Brasília por acidente. Vivo em Pernambuco desde 1981 e, desde de 1987, em Olinda. Quando criança, me apaixonei por música, cinema e livros, e por um motivo estranho isso me levou a estudar ciências – física e matemática. Para comprar livros, discos e ir ao cinema, comecei a dar aulas aos 15 anos. Na virada do século, em 2000, comecei a pesquisar psicoacústica. Poucos anos depois, larguei a universidade e, quase completamente, o ensino, e me dediquei à pesquisa e à criação sonora.

Esse trabalho foi composto a partir de gravações de campo, até subaquáticas, tomadas ao longo dos últimos dez ou 15 anos em um mangue na zona Sul de Recife, considerado o segundo maior mangue urbano do planeta

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

(foto: Parque dos Manguezais, Rio Jordão, Recife). Não fui checar a informação, deixei que o ufanismo local imprimisse a circunscrição, mais como crítica do que como ode.

Também deixei que o contexto do convite moldasse o trabalho. Como o suporte ao qual esse trabalho será destinado é a escuta *online* e o tamanho do arquivo seria medido em bits, compus em mono e assim será apresentado, para que as pessoas escutem, com atenção e sem atenção, nos seus celulares e *laptops*. Quem sabe, em uma próxima oportunidade, a proposta possa ser apresentada com saída binaural.

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Fracasso

Pontogor



Pontogor *é integrante da Cia. UEINZZ de Teatro. Sua pesquisa tem foco em meios como vídeo, fotografia, instalação, performance e música. Interessando-se pelo ruído e o desgaste nas imagens e sons, atento ao erro e ao acaso como ferramentas, seu processo criativo se planifica desde o pensamento hermenêutico na procura de soluções sensoriais para plasmar problemáticas filosóficas sobre espaço, tempo e sonho. https://pontogor.tumblr.com/*
pontogor@gmail.com

Arte & Ensaios
vol. 30, n. 48,
jul.-dez. 2024

Como citar:
Faixas sonoras/*Soundtracks*. Dossiê arte sonora para além da arte sonora. Gabriela Mureb e Gustavo Torres (org.). *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 30, n. 48, p. 309-340, jul.-dez. 2024. ISSN-2448-3338. DOI: https://doi.org/10.60001/ae.n48.18. Disponível em: http://revistas.ufrj.br/index.php/ae